

COLUNA

OMỌ ÌLÚ BÀTÁ: MESTRE CIÇA CAVEIRA, O SOM QUE NASCE NO TERRITÓRIO DA UNIDOS DO VIRADOURO

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹
Eliezer Gonçalves Corderio²

Tem escola que muda de enredo todo ano. E tem escola que tem gente que é enredo permanente. A Viradouro, em 2026, resolve fazer justiça poética e carnavalesca: olha para o próprio coração rítmico e diz em voz alta — isso aqui também é história. O nome dele? Mestre Ciça. O som? A bateria que não pede passagem: atropela com elegância. Ciça não rege só tambor; rege tempo. Quem acompanha a Viradouro sabe: quando a bateria entra, não é só marcação — é narrativa. Tem conversa entre surdo e caixa, tem argumento no repique, tem resposta no tamborim. É música que anda, que empurra o desfile pra frente e lembra todo mundo que samba-enredo não se sustenta sozinho no refrão bonito. Sem chão rítmico, não há voo. E Mestre Ciça construiu isso ao longo de anos, com disciplina, ouvido absoluto para o coletivo e uma autoridade que não vem do grito, mas do respeito. Ele forma ritmistas como quem forma gente: exige, orienta, corrige e celebra. A bateria da Viradouro virou referência não por acaso, mas por método. Ali tem técnica, tem tradição e tem inovação — porque Ciça sabe quando segurar o clássico e quando ousar sem trair a escola.

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Professor Substituto da UERJ; Mestrando em Educação pela UFRRJ.

A escolha da Viradouro é daquelas que dizem muito sem precisar explicar demais. Em vez de buscar longe, a escola olha pra dentro e valoriza quem sustentou vitórias, títulos e desfiles memoráveis. Mestre Ciça é desses que aparecem pouco no holofote, mas sem os quais o espetáculo não acontece. É o tipo de artista que faz do coletivo sua assinatura.

E tem algo bonito nisso tudo: carnaval também é pedagogia do ritmo. A bateria ensina escuta, tempo, disciplina e comunidade. Nada entra fora de hora, nada sobra sem função. Ciça transformou a bateria num espaço de excelência, mas também de pertencimento. Cada ritmista ali carrega o orgulho de fazer parte de algo maior — e isso se ouve. Na avenida, o enredo promete mostrar que há mestres que não precisam de fantasia mirabolante para brilhar. Basta o gesto preciso, o olhar atento, o comando silencioso que antecede a explosão sonora. A Viradouro vai mostrar que seu maior espetáculo, muitas vezes, esteve sempre ali — entre o couro esticado e a batida certa. E tem um detalhe que dá ainda mais peso a essa homenagem: Mestre Ciça é cria da comunidade de Niterói. Cresceu ali, onde o samba não era projeto cultural com edital bonito, mas prática cotidiana, passada no ouvido, no corpo e na insistência. O território ensinou ritmo antes de qualquer escola formal. O que veio depois foi lapidação — nunca ruptura. Quando a Viradouro coloca Ciça no centro do enredo, está dizendo algo que vai muito além de um nome próprio: está afirmando que o samba é caminho possível, é formação, é futuro. Ciça não é exceção milagrosa; é resultado de oportunidade, pertencimento e continuidade. Onde há bateria, quadra, ensaio e gente disposta a ensinar, há potência sendo construída.

Hoje, muitos jovens das comunidades de Niterói e de tantos outros territórios podem ser o próximo Mestre Ciça — desde que tenham acesso à cultura, à arte e ao espaço de criação que o samba oferece. A bateria não é só instrumento musical; é escola de vida. Ali se aprende disciplina, escuta coletiva, responsabilidade e orgulho do próprio lugar. A Viradouro, ao contar essa história, transforma o desfile em recado direto: investir em cultura não é luxo, é política pública de base. O samba salva tempo, salva gente, salva trajetórias. E se Ciça chegou onde chegou foi porque o território pulsava — e porque alguém, lá atrás,

acreditou que aquele som merecia continuidade. Na Sapucaí, o enredo vai lembrar que todo mestre já foi aprendiz. E que, se o tambor continuar batendo nas comunidades, o futuro do carnaval — e de muita gente — segue garantido. Porque o samba, quando encontra oportunidade, não forma só ritmistas. Forma caminhos. Vamos à letra do samba?

*Eu vi, a vida pulsar como fosse canção
Milhões de compassos pra eternizar
Em cada batida do meu coração
O som que reflete o seu batucar*

*Lá, onde o samba fez berço, do alto do morro
Um menino orgulha Ismael, bicho novo
Forjado nas garras do velho leão*

*Contam no largo do Estácio
O destino em seu passo
Que fez pouco a pouco uma chama acender
Traz surdo, tarol e repique pro mestre reger*

*Quando o apito ressoa parece magia
Num trem caipira, no olhar da baiana
Medalha de ouro, suíngue perfeito
Que marca no peito da escola de samba*

*Se a vida é um enredo desfilou outros amores
Maestro fez do couro sinfonia
Na ousadia dos seus tambores
Peça perfeita pra me completar*

*Feiticeiro das evocações
Atabaque mandou te chamar
Pra macumba jogar poeira
Firma a caixa pra resistir, o nome de Moacyr
É legado do mestre Caveira*

*Sou eu, mais um batuqueiro a pulsar por você
Ciça, gratidão pelas lições que eu pude aprender
E hoje aos teus pés
Somos todos um nessa avenida*

*Num furacão que nunca vai ter fim
Nossa história não encontra despedida
Se eu for morrer de amor que seja no samba
Sou Viradouro, onde a arte o consagrou*

*Não esperamos a saudade pra cantar
Do mestre dos mestres herdei o tambor*

(Viradouro, 2026)